Ñanduty
ISSN:2317-8590

A ESCOLA DE MANCHESTER E A ANÁLISE DA SITUAÇÃO SOCIAL: UM EXPERIMENTO DE "ESTUDO DETALHADO DE CASO" NA PARADA DA DIVERSIDADE SEXUAL DE CUIABÁ DE 2013

Moisés Lopes (PPGAS/UFMT)[1]

Resumo: Neste texto busco apresentar mesmo que sucintamente a abordagem desenvolvida pela Escola de Manchester de antropologia e aplicar alguns dos elementos desenvolvidos por ela em uma situação de campo com a qual me deparei. Assim, este artigo toma, como elemento ilustrativo a análise de um evento social, a Parada da Diversidade Sexual de Cuiabá (MT) ocorrida em 2013, mais especificamente, a situação social constituída na concentração desta parada, como um experimento para se debruçar sobre alguns pontos elaborados por autores como Max Gluckman e Jaap Van Velsen que desenvolveram a abordagem da "análise de situações sociais".

Palavras-Chave: Situação Social; Escola de Manchester; Diversidade Sexual; Cuiabá.

THE MANCHESTER SCHOOL AND THE ANALYSIS OF THE SOCIAL SITUATION: A "DETAILED CASE STUDY" EXPERIMENT IN THE 2013 CUIABÁ SEXUAL DIVERSITY PARADE

Abstract: In this text I seek to present, even if succinctly, the approach developed by the Manchester School of Anthropology and apply some of the elements developed by it in a field situation that I came across. Thus, this article takes as an illustrative element the analysis of a social event, the Parade of Sexual Diversity in Cuiabá (MT) held in 2013, more specifically, the social situation constituted in the concentration of this parade, as an experiment to delve into some points elaborated by authors such as Max Gluckman and Jaap Van Velsen who developed the "social situation analysis" approach.

Keywords: Social Situation; Manchester School; Sexual Diversity; Cuiabá.

[1] Doutor em Antropologia Social (UNB), docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGAS/UFMT). E-mail: moises.lopes@ufmt.br

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Introdução

> Por um lado, o etnógrafo deve se engajar na vida das pessoas a quem estuda; ele deve entrar em seu mundo determinado intencionalmente – o mundo de sua práxis; e ele deve se permitir de algum modo apenas a reflexão de si necessitada pela práxis particular deles (e sua própria). Por outro lado, o pesquisador de campo deve permanecer fiel à sua intenção primeira: pesquisar. Ele deve estar apto a se remover da vida daqueles a quem estuda; ele deve se manter fora do mundo intencionalmente determinado deles; e ele deve permitir a si mesmo uma reflexão sobre si que é requerida e delimitada por sua própria práxis particular, sua pesquisa. (Crapanzano 1985)

Este texto é resultado de diversos anos de pesquisa envolvendo de um lado a observação e análise da construção do Movimento LGBT de Mato Grosso. Anos que se iniciaram em 2011 com minha chegada a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e a elaboração de minha primeira pesquisa tendo como foco a reconstrução da história do movimento LGBT neste estado e envolveram o desenvolvimento da observação participante nas Paradas LGBTs, as diversas conversas com os(as) ativistas LGBTs da cidade, a participação em eventos, festas, manifestações e diálogos destes com o Estado e as instituições municipais e estaduais, bem como a coleta de dados nos sites e páginas de jornais do estado. De outro lado, é o reflexo de diversos anos de formação teórico-acadêmico que se iniciaram com a graduação e mestrado em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina e de doutorado em antropologia na Universidade de Brasília que me permitiram e possibilitaram um longo tempo de estudo sobre as teorias e a história da antropologia. Além disso, é importante ressaltar que compõem este artigo/ensaio, os diversos anos de dedicação a docência em antropologia social seja na graduação nos diversos cursos pelos quais passei na UFMT, bem como no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMT.

Este acúmulo de experiências fizera-me debruçar sobre os limites e potencialidades de leitura e aplicação pelos(as) discentes das diferentes abordagens constituídas ao longo da história da Antropologia Social. Neste texto busco apresentar mesmo que sucintamente uma destas abordagens e aplicar alguns dos elementos desenvolvidos por ela em uma situação de campo com a qual me deparei. Longe de fazer uma exegese teórico-metodológica da abordagem a que me propus destacar ou mesmo desenvolver uma análise profunda da situação social, tal como a Escola de Manchester apregoa, tenho um objetivo singelo e autolimitado, qual seja:

Ñanduty
ISSN:2317-8590

desenvolver um experimento que tenha como fim apontar que uma das principais "lições da Escola de Manchester" é sua ênfase na pesquisa de campo baseada na participação plena do pesquisador de modo a que apenas sua interação complexa com os outros sujeitos envolvidos na situação social específica é que constituirá o sentido dados por eles a este evento.

Para tal fim, tomarei como elemento ilustrativo a análise de um evento social, a parada da diversidade sexual de Cuiabá ocorrida em 2013, mais especificamente, tomarei a situação social constituída na concentração desta parada.

A Escola de Manchester, o conflito e a análise de situação social

> Conflito é, portanto, destinado a resolver dualismos divergentes, é uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio (Simmel 2011: 568).

Hoje em dia abrimos os jornais, ligamos a televisão ou acessamos a internet e nos deparamos com uma infinidade de notícias, discursos, ações e falas expressando distintas formas de violência, simbólica ou física, oriunda das instituições ou dos indivíduos, presentes na ficção ou na arte. A compreensão acerca dos conflitos sociais pode revelar aspectos extremamente relevantes para o entendimento da realidade social contemporânea, na medida em que ele, o conflito, é um dos elementos mais corriqueiros da rotina social e um elemento integrante das interações sociais. Essa ideia já estava presente no argumento de Simmel em seu texto "O conflito como sociação" cujo fragmento citei acima.

Na antropologia esta ideia começa a emergir fundamentalmente a partir de um grupo de antropólogos que se aglutinaram em torno da figura de Max Gluckman e que ficou (re)conhecido como a "Escola de Manchester". Estes pesquisadores tinham como objetivo fundamental desenvolver uma crítica profunda ao modelo clássico da antropologia social britânica produzida até aquele momento, centrada em uma abordagem inspirada por Durkheim, e que *"frequentemente ignoravam os processos de mudança social ou atribuíam a eles um papel desintegrador"* (Feldman-Bianco 2010: 31).

Neste sentido, este conjunto de autores apontavam, ao desenvolver suas pesquisas no contexto africano, que o objeto da antropologia não deveria ser o estudo dos "nativos isolados" ou os sistemas tradicionais africanos, pelo contrário, rejeitando as ideias de "harmonia e coesão

Ñanduty
ISSN:2317-8590

social" a antropologia deveria estudar a mudança e o conflito social provocado pelo impacto do processo de colonização da África pela Europa. Partiam assim, da concepção de que os sistemas sociais estavam em construção contínua, eram criados no embate/confronto/conflito contínuo, tal compreensão se fazia extremamente relevante dado o processo de descolonização pelo qual a África estava passando.

Esta (auto)crítica ao colonialismo e ao papel da antropologia neste processo que emergiu na década de 1950 foi e é extremamente relevante para pensarmos questões éticas e políticas que envolvem o fazer antropológico, estavam presentes no pensamento destes autores, mas não irei aprofundar aqui. O relevante do argumento da crítica da Escola de Manchester que apontarei neste texto é que estes autores ao mudar a questão da pesquisa antropológica de *"Como a sociedade se mantém?"* para *"Como a sociedade se transforma?"* desenvolvem uma crítica a administração colonial e sua política de controle, manutenção da ordem e do *status quo* nas colônias (Feldman-Bianco 2010).

Estas questões apontadas se tornam extremamente importantes tanto para compreender o contexto social da produção teórico-metodológica da Escola de Manchester, como se tornam desenvolvimentos inspiradores e estimuladores para pensar o contexto social das sociedades complexas do início do século XXI a partir de suas observações sobre como desenvolver uma análise da "cultura" como um *processo* cujos significados são (re)transmitidos, modificados, multiplicados de modo acelerado.

Este olhar se torna possível para a Escola de Manchester a partir do desenvolvimento de um estudo microscópico e detalhado de relações sociais, inspirados em parte por Malinowski. Bem como, pela observação do comportamento concreto de indivíduos, a efetivação de suas ações, o estabelecimento das interações e as estratégias acionadas em contextos específicos. Tal como aponta Feldman-Bianco, essa

> (...) perspectiva possibilitou trazer de volta os "indivíduos e suas estratégias" ao centro da análise, como as unidades básicas de pesquisas que começaram a ter por referencial indagações relativas a como a sociedade se transforma (em vez de como a sociedade se mantém). Essa ênfase em "indivíduos e suas estratégias" (em vez de em grupos corporativos, comunidades ou localidades) implicou também uma substituição do repertório de termos e conceitos-chaves da pesquisa antropológica. (2010: 38)

Dentre este novo repertório de termos e conceitos-chave destaco aqui a análise de "redes de relações sociais" que J.A. Barnes, Adrian C. Mayer e J. Clyde Mitchell desenvolveram em suas pesquisas; os "estudos de casos detalhados" desenvolvida por Max Gluckman, que dá

origem a análise de "situações sociais" por Jaap Van Velsen, e a análise de "dramas sociais" desenvolvidas por Victor Turner. Alguns textos destes autores, com exceção de Victor Turner, estão traduzidos e presentes na coletânea organizada por Bela Feldman-Bianco intitulada "Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos" (1987; 2010) que tem se tornado um livro de uso recorrente nos cursos de graduação e pós-graduação brasileiros.

Dentro deste repertório de termos, reelaborações conceituais e análises destaco o texto "Análise de uma situação social na Zululândia Moderna" publicado em 1940 por Max Gluckman que se tornou um clássico no Brasil para representar a abordagem da Escola de Manchester. Neste texto, a partir da análise da situação social de inauguração de uma ponte o autor apresenta a então nova abordagem para trabalhar o material etnográfico, agora, o centro da análise. Nesta pesquisa que desenvolveu na Zululândia na África do Sul Gluckman constrói o argumento de que as comunidades africanas e europeias formavam um único campo social, cuja separação em dois grupos raciais forma a base de sua unidade estrutural.

O "estudo de caso detalhado" que é efetivado neste texto permite analisar a posicionalidade das pessoas, focando na maneira como os grupos vão se (re)posicionando a partir de diferentes objetivos e distintas configurações políticas dentro de um contexto sócio-histórico mais amplo. Assim, o autor leva a sério a ideia de que há uma presença europeia afetando os modos de vida daquelas populações e incorpora na etnografia como essa relação conflituosa afeta a vida das pessoas. Somando-se a isso, Gluckman (idem) aponta como as distintas concepções de tempo e história são relevantes para a compreensão de como as populações "manuseiam" e lidam com o tempo e a mudança social.

A análise de situações sociais permite, segundo o autor, analiticamente falar do contexto mais amplo, das relações entre os grupos e dos valores e motivos contraditórios que os levam a participar dos diferentes eventos e, com isso, não ficar restrito apenas ao evento em si. Como vemos um exemplo no fragmento abaixo:

> Para resumir a situação na inauguração da ponte, pode-se dizer que o comportamento dos grupos e dos indivíduos presentes expressava o fato de a ponte, que era o centro de seus interesses, tê-los unido em uma cerimônia comum. Como resultado de seu interesse comum, agiram segundo os costumes de cooperação e comunicação, apesar de os grupos raciais estarem divididos de acordo com o padrão da estrutura social. Igualmente, a celebração uniu os participantes de cada grupo racial apesar de eles terem se separado de acordo com as relações sociais existentes no interior do grupo (Gluckman 2010: 279).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Deste modo, a abordagem desenvolvida por Gluckman, busca ao partir da análise de uma situação social específica, apontar a constante ênfase na fluidez dos agrupamentos sociais rompendo com recortes artificialmente construídos de grupos e sociedades. E, com isso, dá destaque a mudança social ininterrupta, ressaltando que os sistemas sociais estão em (re)construção contínua e são (re)criados no embate constante.

Um outro elemento muito interessante e inspirador da abordagem é a evocação da presença do antropólogo no texto, uma vez que este se transforma no elo entre os diversos eventos que compõem a situação social, como podemos ver nos fragmentos abaixo:

> Eu, como antropólogo, estava em condições de me tornar um amigo íntimo dos zulus, de uma forma que os outros europeus não conseguiriam. E fiz isso por causa de um tipo especial de relação social reconhecido como tal pelas duas raças. Mesmo assim, nunca pude ultrapassar completamente a distância social entre nós existente. (Gluckman, 2010: 269)

> Apresentei uma amostra típica dos meus dados de pesquisa de campo. Estes são compostos de vários eventos que, embora ocorridos em diferentes partes da Zululândia do Norte e envolvendo diversos grupos de pessoas, foram interligados pela minha presença e participação como observador. (idem: 251)

Em outro texto, intitulado "A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado", publicado originalmente em 1967, Van Velsen explica que, diferentemente de Gluckman que usou o que ele nomeava como "método de estudo de caso detalhado", opta por utilizar a noção de "análise situacional", visto que

> [...] se refere à coleta efetuada pelo etnógrafo de um tipo especial de informações detalhadas, mas também implica o modo específico em que a informação é usada na análise, sobretudo a tentativa de incorporar o conflito como "normal" em lugar de parte "anormal" do processo social. (Van Velsen 2010: 438).

Neste artigo, Van Velsen, desenvolve sua abordagem sobre o estudo de caso detalhado apresentando as "novidades" metodológicas desenvolvidas pela Escola de Manchester e sistematizando as críticas à geração anterior de antropólogos. Por conseguinte, este texto serve como uma referência metodológica importante para a compreensão da orientação teórica desta leva de antropólogos que passam a focalizar os temas da mudança social, do conflito, dentro de uma perspectiva histórica processualista na Antropologia.

Como aponta Peter Fry (2011) muita coisa aconteceu na antropologia desde que a abordagem da Escola de Manchester foi desenvolvida, mas muito da abordagem e do método

Ñanduty
ISSN:2317-8590

do estudo de situações sociais seguem sendo relevantes, como a busca por ao observar várias situações, como capturar o máximo possível do processo social "e de poder se aproximar a uma análise mais fina da relação entre ação e representação" (idem: 11). Mais do que isso, como aponta Fry a análise de uma situação social pode ser uma maneira interessante de abordar a infinidade de dados a que os pesquisadores neófitos na antropologia se deparam ao irem a campo, quase como uma estratégia para lidar com o material. E, neste sentido, auxiliam a desenvolver e estruturar um texto, nas palavras do autor,

> Mas a análise situacional tem uma outra vantagem, a de ordenar a descrição e análise, um "truque de escrita" como me disse certa vez Carlos Vogt. Um dos grandes problemas da análise antropológica é de saber onde começar e onde terminar, já que tudo que estudamos é entrelaçado com todo o resto. Situações sociais, como a abertura da ponte do trabalho fundador de Gluckman e a dança urbana do Mitchell, tem um início, meio e fim. Começando dessa maneira, descrevendo o desenrolar de uma situação, é possível logo em seguida arrolar as questões teóricas que podem ser examinados detidamente em capítulos posteriores. Uma outra vantagem dessa forma de organizar um texto é que o leitor logo se torna familiar com o material a ser analisado, facilitando a sua compreensão da análise que segue. Jaap van Velsen argumentou que este método é mais honesto que outros métodos uma vez que o leitor teria a mão todos os dados brutos, posicionado assim para poder questionar a análise do autor, e propor novas interpretações. Tem um grão de verdade. Mas sabemos perfeitamente após tanta crítica das velhas monografias que a própria escrita das situações é sempre parcial. Mas, digamos, o reconhecimento da parcialidade, o reconhecimento de que o ponto de vista de um nativo é representado pelo ponto de vista de outro que se apresenta como antropólogo, é mais um passo importante para que o leitor possa saber melhor com quem está falando (idem: 12).

Análise de uma situação social da Parada da Diversidade de Cuiabá

Inspirado nestes temas discutidos rapidamente acima e na abordagem da Escola de Manchester que busca descrever um estudo de caso detalhado ressaltando elementos como o conflito e o papel do antropólogo como elo entre diferentes eventos que compõem a situação social, desenvolvo uma análise da concentração da Parada da Diversidade de Cuiabá ocorrida no ano de 2013. Ressalto que este texto se trata de um experimento que, mais do que aplicar todos os elementos desenvolvidos por esta escola, buscou se inspirar na metodologia e em alguns dos debates e análises desenvolvidos por estes autores com o fim de mostrar a riqueza e potencialidades desta abordagem no estudo de situações das sociedades contemporâneas.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

A situação social

Em 2013, eu estava morando em um bairro que distava cerca de sete (7) quilômetros da Praça Ipiranga, no centro da capital, local onde se daria a concentração da 11ª Primeira Parada da Diversidade Sexual de Mato Grosso que ocorreu em 23 de novembro (um sábado). Pela manhã, organizei meus materiais em uma mochila para acompanhar este evento, carreguei as baterias do celular, das câmeras fotográficas, separei meu caderno de campo, algumas canetas, uma garrafa de água e um boné, com tudo pronto fiz um lanche e chamei um táxi para ir até o local do evento. A concentração da Parada começaria às 14h00, mas planejei chegar antes do horário divulgado para o início do evento para observar como ocorreria a ocupação do espaço pelos transeuntes.

A praça Ipiranga fica localizada na região central e às margens da Avenida Tenente Coronel Duarte (também conhecida como prainha) e é uma das mais antigas da capital mato-grossense, carrega muitas histórias, desde sua criação na época do Brasil Colônia, quando nomeada como "Largo da Cruz das Almas" tendo sido palco para enforcamento de pessoas presas ou condenadas, além de ser um dos primeiros lugares da capital onde funcionou uma feira livre e um mercado público. Em 2013 a praça tinha um coreto grande ao lado do centro da praça que era ocupado por um grande chafariz que já não funcionava. Posteriormente, como parte da realização das festas dos 300 anos de Cuiabá a praça passou por uma reforma que entregue em junho de 2018 teve o centenário chafariz em parte demolido, bem como acolheu novos postes de iluminação que remetem à época em que a praça foi construída. Atualmente, o lugar é ocupado por carrinhos de lanches de comerciantes e vendedores ambulantes.

Cheguei à praça às 13h00, ela estava bem vazia com o fluxo cotidiano "normal" para um sábado, como vemos na foto abaixo.

Ñanduty
ISSN:2317-8590



Foto: Arquivo Pessoal.

O coreto da praça estava ocupado por religiosos neopentecostais da Igreja Assembleia de Deus que realizavam naquele momento, como regularmente ocorria aos sábados, um culto e panfletagem com folhetos com salmos bíblicos. Ao entregar o material, sempre diziam a frase "Jesus te ama".



Foto: Arquivo Pessoal.

Como sinal de que a concentração da parada ocorreria ali havia apenas um trio elétrico estacionado. Com o passar do tempo a movimentação na praça começou a aumentar, alguns integrantes dos movimentos sociais passaram a chegar e começou a se formar pequenos grupos. Um destes grupos, composto de um coletivo de estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), ocupou um espaço bem ao lado do coreto abaixo de uma árvore e desenvolveu

Ñanduty
ISSN:2317-8590

uma oficina de cartazes que tinham com objetivo engajar as pessoas que iriam à Parada da Diversidade, ou estavam passando pela praça. O produto desta ação seriam os cartazes com "palavras de ordem" e frases de efeito que iriam ser utilizadas durante a parada de diversidade e que teve como tema "Estado Laico: sua religião não é nossa Lei". Na foto da esquerda da página, no início da Oficina de cartazes podemos ver o coreto ao fundo. Já na foto da direita podemos ver alguns cartazes produzidos durante a oficina.



Foto: Arquivo Pessoal.



Foto: Arquivo Pessoal.

Enquanto a Oficina ocorria o número de religiosos no coreto começou a aumentar chegando a alcançar cerca de 50 pessoas. Estes aumentaram o som da pregação, entoando hinos e orações, apontavam para os participantes da parada como um todo e para o grupo da oficina "pedindo que Deus os livrasse do 'homossexualismo'" (sic). Alguns destes religiosos começaram a circular entre os participantes da parada na concentração com o objetivo de fazer panfletagem entregando folhetos com palavras religiosas como apontado acima.

Com essa movimentação dos religiosos ocorrendo os trios elétricos da parada começaram a tocar músicas, mais altas. O que levou o grupo de religiosos a aumentarem os volumes de suas caixas de som. Enquanto isso, os LGBTs cantavam e dançavam ao som das músicas que só eram interrompidas eventualmente quando alguns ativistas paravam para fazer discursos e gritar palavras de ordem. Conversando com algumas pessoas que participavam da Parada era

Ñanduty
ISSN:2317-8590

nítida a irritação com a postura dos religiosos. Muitos apontavam que a panfletagem e o culto tinham com o objetivo provocar e "afrontar" os LGBTs.

Por volta das 15h00 o coletivo de estudantes da UFMT iniciou a apresentação de uma performance representando a violência LGBTfóbica apoiada, sustentada e estimulada pelos discursos cristãos contra a diversidade sexual. A performance foi representada por três estudantes: um deles com um terno, uma bíblia em uma mão e uma coleira/guia na outra mão que prendia um cachorro raivoso (representado por outro estudante) e, uma terceira aluna trans com os braços amarrados atrás do corpo. Este estudante/pastor falava palavras de ordem religiosas e atiçava o cachorro/estudante a atacar a estudante/trans. Em determinado momento, tintas foram lançadas no corpo da estudante/trans como artifício para representar o sangue derramado pela estudante/trans pelos ataques desferidos pelo estudante/cachorro que tinha as mãos sujas de sangue (tinta) assim como o pastor/ estudante. Essa intervenção teatral protagonizada por estes(as) três ativistas buscava encenar a intolerância religiosa que ainda predomina no país. Um dos personagens (estudante/pastor) representava o poder público que agredia uma segunda personagem (estudante/trans) representando a comunidade LGBT por meio de um outro personagem (estudante/ cachorro) representando as pessoas LGBTfóbicas e que eram atiçadas pelos discursos do poder público. Vemos abaixo, duas fotos da performance.



Foto: Arquivo Pessoal.



Foto: Arquivo Pessoal.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

A performance acaba aos gritos e aplausos da multidão. E os líderes da ONG Livremente iniciam outra série de discursos políticos ressaltando que o tema da Parada havia sido escolhido devido ao fato da mistura entre os campos religiosos e políticos no Brasil e pelos reiterados conflitos resultantes desta mistura. Apontavam ainda em suas falas que o deputado federal Marco Feliciano, na época presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, defendeu a criação de um projeto de lei intitulado de "cura gay" que foi retirado de pauta posteriormente pelo mesmo por ter se tornado alvo de protestos.



Foto: Arquivo Pessoal.

Nas falas emitidas os manifestantes ressaltaram também como esta mistura entre os campos religiosos e políticos, bem como, estes discursos religiosos justificavam e acabavam dando suporte a LGBTfobia e a violência contra os LGBTs no Mato Grosso, estado que segundo levantamentos elaborados anualmente pelo Grupo Gay da Bahia, havia ficado como o segundo estado em violência contra os homossexuais no Brasil. Os organizadores da Parada apontavam que um exemplo disso era o caso de violência que ocorrera havia poucas horas na região do Zero Quilômetro[2] em Várzea Grande, onde Lilith Prado então presidente da Associação das Travestis de Mato Grosso (Astramt) e uma das organizadoras da Parada foi assaltada e espancada com uma barra de ferro por dois casais heterossexuais.

[2] O Zero Quilômetro é uma região conhecida e reconhecida no Mato Grosso como um local de prostituição de mulheres cisgênero e travestis. Para mais informações sobre este local verificar os trabalhos de SCHUSTER, H.T. e LOPES, M. 2020; LOPES, M. e SCHUSTER, H.T. 2020; SCHUSTER, H.T. 2021.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Após mais algumas falas a música voltou a tocar e alguns minutos depois, um pouco antes das 16h00, momento em que estava planejado o início da caminhada, começou a cair uma chuva forte na cidade e muitos LGBTs tentando se proteger da chuva entraram no coreto da praça e passaram a dividir espaço com os religiosos que seguiam pregando e distribuindo folhetos. A tensão no ar era nítida no coreto e na praça enquanto a chuva caia e apesar dos discursos inflamados dos evangélicos, não houve nenhum protesto e sequer discussão. Momentos depois a chuva começou a dar uma trégua e a manifestação voltou a ocorrer com os organizadores promovendo um desfile improvisado para destacar as travestis e drag queens que apresentavam os melhores figurinos.

Momentos depois, a passeata se iniciou com os manifestantes seguindo o trio elétrico saindo da Praça Ipiranga, percorrendo a avenida da prainha até a avenida Getúlio Vargas onde está situada a Catedral Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá ao lado da Prefeitura da Cidade, local onde o grupo fez uma parada e representantes do movimento passaram a discursar novamente apontando a necessidade de separação entre os campos religiosos e políticos e agradecendo aos políticos que haviam dado apoio a realização da Parada. Após alguns minutos a passeata se dirigiu a Praça Santos Dumont, na qual já havia um palco montado para shows e onde finalizaria a parada algumas horas depois.

Análise da situação social

Longe de esgotar os eventos que ocorreram durante a realização da parada a descrição efetuada acima buscou ressaltar alguns elementos interessantes de análise. Assim, deixei de lado questões como o congestionamento que ocorre nas principais avenidas da cidade resultantes da parada que ocorre na cidade; não ressaltei as manifestações de conflito com alguns motoristas e vendedores nas portas das lojas zangados, xingando os manifestantes; ou as manifestações de apoio ou de afeto como das diversas famílias que vão juntas a parada ou mesmo de alguns dos motoristas e lojistas aplaudindo e apoiando a manifestação. Tampouco ressaltei a presença e atuação dos vendedores ambulantes e das barracas de lanches que ocupam tanto a Praça Ipiranga quanto a Praça Santos Dumont no momento da concentração ou da festa posterior a parada. Busquei ressaltar na descrição a atuação dos principais grupos que estiveram presentes e construíram o "drama social" tal como aponta Turner em suas obras, mas em especial no livro "Dramas, campos e metáforas" (2008) que ele define como

Ñanduty
ISSN:2317-8590

> Dramas sociais e empreendimentos sociais – bem como outros tipos de unidades processuais – representam sequencias de eventos sociais, que, vistas respectivamente por um observador, podem ser mostradas como tendo uma estrutura. Esta estrutura "temporal", diferentemente da estrutura atemporal (incluindo estruturas "conceituais", "cognitivas" e "sintáticas") é organizada primeiramente pelas relações no tempo, ao invés de no espaço [...]. (Turner 2008: 31).

Nesse sentido, a descrição da "situação social" realizada buscou ressaltar uma visão diacrônica dos eventos que ocorreram no contexto da concentração da Parada da diversidade de Cuiabá de 2013. Um evento que ocorre desde 2003 na cidade de Cuiabá e reúne milhares de pessoas pelas ruas da cidade e teve nos dez anos de sua criação até 2013 algumas especificidades como o fato de ocorrer sempre às sextas-feiras, fato que muda a partir de 2013 ao ocorrer em um sábado e, diferentemente de quase todas as outras paradas de capitais do Brasil que ocorrem em feriados ou domingos, a Parada de Cuiabá tem como principal característica se tornar uma passeata reivindicatória, tal como apontam Lopes; Silva (2019) no fragmento abaixo

> A parada da diversidade de Cuiabá tem uma peculiaridade importante. É talvez a única, entre as realizadas capitais brasileiras, que não é realizada num domingo [...]. Não se trata de uma simples diferença de dia, uma vez que ela se dá em meio ao cotidiano urbano do centro de Cuiabá, enquanto as outras – ainda que ocupem espaços de destaque, como a Avenida Beira-mar em Florianópolis, a Avenida Paulista em São Paulo, as orlas do Rio de Janeiro e do Recife, só para citar alguns exemplos – são realizadas no domingo quando estes mesmos espaços são fechados para lazer ou para festas locais. Assim a parada de Cuiabá se constitui como um processo de territorialização bastante simbólico, ocupando não apenas um lugar central, mas desafiando o tempo do comércio, do trânsito caótico, o vai-e-vem urbano que marca um dia útil. A parada da diversidade de Cuiabá torna-se aqui um campo de pesquisa excepcional para uma antropologia de paradoxos e controvérsias de que são alvo as paradas da diversidade sexual e de gênero ou do orgulho LGBT, no Brasil. Por ser uma das poucas paradas das capitais brasileiras a ser realizada num dia de semana comum, e não no domingo, sendo assim desvinculada de um final de semana de festas que atraiam turistas, a parada de Cuiabá especial torna-se especial porque suas condições de realização poderiam fazer dela uma passeata reivindicatória como tantas outras que costumam irromper numa tarde brasileira. (idem: 183-184)

A descrição ressalta também o caráter dinâmico e conflituoso das relações sociais estabelecidas entre o movimento LGBT e integrantes de igrejas evangélicas que ocupam simultaneamente o espaço da Praça Ipiranga, no centro da cidade de Cuiabá, local de concentração da Parada da diversidade de Cuiabá. Essa ocupação acaba fazendo eco a conflitos estabelecidos em outros contextos, seja da realidade local ou nacional, e trazendo para os

Ñanduty
ISSN:2317-8590

discursos e práticas dos participantes do evento, referências e debates conflitantes e inconciliáveis sobre a separação (ou não) dos campos religiosos e políticos.

Assim, vemos debates que já aparecem na escolha do tema da parada "Estado laico: Sua religião não é nossa lei" que busca trazer para o centro do debate um posicionamento contra o preconceito, a discriminação e a violência direcionadas a LGBTs oriundos do campo religioso e que aparece nas falas e práticas de representantes políticos e líderes locais e nacionais. De modo contrário, o mesmo espaço passa a ser ocupado por religiosos neopentecostais que ocupam a praça e seu coreto, fazem pregações, distribuem panfletos, abordam dezenas de pessoas para irem assistir ao culto e buscam com isso "pregar a palavra e tentar converter os homossexuais".

Este cenário de tensão e crise crescente na situação social descrita somente aumenta com o passar do tempo com a ocorrência da intervenção teatral relatada acima, o aumento do som dos discursos de lado a lado, as provocações e ironias que se repetiam, a "invasão do coreto" pelas pessoas LGBTs no início da chuva que passaram a dividir o espaço com o culto evangélico.

Todo este cenário conflituoso mereceria uma análise mais detida refletindo sobre a conformação dos grupos que se "confrontaram", mesmo que sem qualquer incidente entre eles. Para uma compreensão mais aprofundada seria possível abordar as configurações internas dos grupos, suas crenças e lutas; abordar se a realização do culto ocorria com regularidade aos sábados, como apontaram os evangélicos em suas falas; analisar o processo de construção da 11 Parada da diversidade de Cuiabá que culminou com a realização do evento no dia 23 de novembro de 2013; bem como, diversos elementos que dariam corpo a análise de uma situação social aos moldes da Escola de Manchester.

Um outro elemento importante na análise e que pode ser reportado a esta abordagem desenvolvida pela Escola de Manchester é perceber a fluidez dos agrupamentos sociais que podem ser percebidos com a utilização do método da análise situacional. Na descrição vemos como os diferentes grupos vão se (re)posicionando e se (re)tensionando mutuamente a partir de diferentes objetivos e diferentes configurações políticas. Nas conversas que estabeleci no contexto da realização da parada era nítida a não homogeneidade de interesse dos participantes com seu envolvimento na manifestação, estes iam da pregação militante dos evangélicos contra o movimento LGBT e "buscando a salvação e a conversão dos homossexuais" (sic) e; de modo

oposto, o discurso militante dos organizadores do evento que discursavam contra a discriminação, a violência e a morte "estimulada pelo Estado e suas instituições" (sic). Entre estes polos havia uma infinidade de interesses dos atores sociais em sua participação neste evento.

Mesmo pensando apenas do ponto de vista dos que foram participar da Parada e não eram religiosos, é possível pensar na multiplicidade de objetivos, mas também na conformação de uma "cultura LGBT", discussão que abordamos mais longamente em "Festa, política e o corpo na rua: Uma antropologia visual da Parada da Diversidade de Cuiabá nos 50 anos de Stonewall" (Lopes; Silva 2019), mas que trago aqui o centro do argumento,

> Pensar em "cultura LGBT" é um desafio para a antropologia por conta da problemática do termo cultura e sua presença marcante na história da disciplina. Mas no contexto estudado, esse conceito pode ser discutido e até mesmo repensado, uma vez que falar em "cultura LGBT" pode significar de tudo menos que se trate de um grupo homogêneo. As paradas dramatizam esse paradoxo e parecem criar um ilusório senso de comunidade, colocando no mesmo espaço celebratório pessoas geralmente afastadas no cotidiano. Ou seja, as paradas dramatizam a formação de uma comunidade que, apesar das múltiplas identidades, compartilha naquele momento um certo "essencialismo estratégico" reivindicatório que se desfará ao fim do evento. Assim, pensar em cultura LGBT é também estratégico pois dá conta de pensar em regularidades nas sociabilidades urbanas, sem pressupor uma comunidade homogênea. (idem: 188)

Muitos outros pontos de exame poderiam ser tratados a partir da descrição desenvolvida acima. A própria narração carece de uma exposição detalhada. Neste sentido, os processos formulados e a análise estabelecida não são de modo algum exaustivos, faltando espaço para considerar o que ocorre de maneira mais minuciosa.

Considerações finais

A ideia deste texto, não foi a de fazer uma análise detalhada da situação social, tampouco abordar toda a riqueza de debates trazidos na elaboração da abordagem teórico-metodológica desenvolvida pelos autores que deram forma ao que se convencionou ser intitulada de Escola de Manchester.

Dado o limite de extensão do texto, busquei aqui mostrar na prática que a análise de situações sociais como a descrita acima e teorizada pelos autores da Escola de Manchester nos permite falar das relações entre os grupos, dos valores e dos motivos contraditórios que os levam a participar de um mesmo evento; nos permite também alçar voos e falar do contexto

Ñanduty
ISSN:2317-8590

mais amplo, histórico-social que envolve a significação dos eventos pelos diferentes grupos que participam deles, e, com isso, não ficar restrito apenas ao evento em si.

Tal como apontam os autores da escola de Manchester a análise das situações sociais, ao trazer e problematizar a construção dos três elementos componentes dela, quais sejam: a gente, o lugar, o tempo, só passam a fazer sentido se dialogamos com a história. Neste sentido, os dados históricos devem ser trazidos para a análise de processos sociais, destacando a fluidez dos agrupamentos sociais e rompendo com os recortes artificiais de sociedades e grupos.

Finalizando, tal como aponta Fry, vemos que é

> [...] na antropologia nas cidades então que as lições da Escola de Manchester continuam vivas, com a sua ênfase na pesquisa de campo baseada na participação plena com o intuito de entender melhor a inserção social complexa dos indivíduos de situação em situação. (2011: 12).

Referências Bibliográficas

FELDMAN-BIANCO, Bela. 2010. "Prefácio à segunda edição" e "Introdução". In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *A Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Editora UNESP, p. 7-56.

FRY, Peter. 2011. "Nas redes Antropológicas da Escola de Manchester: Reminiscências de um trajeto intelectual". *Iluminuras*, v. 12, p. 1-13.

GLUCKMAN, Max. 2010. "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *A Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Editora UNESP, p. 237-364.

LOPES, Moisés; SCHUSTER, H. T. 2020. "Prostituição de travestis na Baixada Cuiabana: hierarquização, territorialização e dissidências de gênero com base em uma perspectiva (des)centrada". *CONTEMPORÂNEA (ONLINE)*, v. 10, p. 81-100.

LOPES, Moisés; SILVA, Marcos Aurélio. 2019. "Festa, política e o corpo na rua: Uma antropologia visual da Parada da Diversidade de Cuiabá nos 50 anos de Stonewall". *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura - REBEH*, v.02, p.180 - 197.

SCHUSTER, H. T.; LOPES, Moisés. 2020. "Interfaces entre os agenciamentos micropolíticos das travestis na baixada cuiabana". *Revista Debates Insubmissos*, v.3, p. 53-72.

SCHUSTER, H. T. 2021. *Territorialização e performance de Gênero: prostituição de travestis na baixada cuiabana*. Cuiabá: EdUFMT.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

SIMMEL, Georg. 2011. “O conflito como sociação”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, pp. 568-573.

CRAPANZANO, Vincent. 1985. *Tuhami: Portrait of a Moroccan*. University of Chicago Press, Chicago.

TURNER, Victor. 2008. “Dramas sociais e metáforas rituais”. In: TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF, p. 19-53.

VAN VELSEN, J. 2010. “A Análise situacional e o método de estudo de caso detalhado”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *A Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Editora UNESP, p. 437-468.